

PARTIDOS E SISTEMA PARTIDÁRIO NA NOVA DEMOCRACIA BRASILEIRA:

Os partidos de centro nas eleições majoritárias estaduais (1986 - 2006) ¹

Silvana Krause²
Josimar Gonçalves da Silva³
FCS - UFG

RESUMO

Esta investigação tem como objetivo central analisar as coligações realizadas pelos partidos de centro (PMDB e PSDB) nas eleições majoritárias estaduais brasileiras entre os anos de 1986 até 2006. São poucos os estudos sobre coligações eleitorais no Brasil da Nova República no que diz respeito às eleições majoritárias (governadores). Propomos uma avaliação do perfil e da evolução da dinâmica de coligações dos partidos de centro (PMDB e PSDB) observando a dimensão ideológica de seus parceiros aliados e o impacto no resultado eleitoral alcançado.

1. INTRODUÇÃO

As normas eleitorais recentes, editadas após o retorno do pluripartidarismo no Brasil, têm permitido a possibilidade de formação de coligações partidárias nas disputas eleitorais. A criação das coligações e sua existência estão presentes no processo eleitoral. A ampla utilização de coligações partidárias nas disputas eleitorais é uma das características marcantes da vida política brasileira.

As coligações estavam presentes no período democrático de 1945–1964 e foram novamente permitidas em 1985 (Lei nº. 7.454) com a instalação do governo civil (SOUSA, 2006).

Trabalhos recentes de autores como Krause (2005), Schmitt (1999), Dantas (2007), Machado (2007) têm procurado demonstrar que os partidos políticos brasileiros apresentam

¹ Comunicação oral apresentada ao X Congresso Internacional da Brazilian Studies Association – BRASA, Brasília, Distrito Federal/Brasil, 22 a 24 de julho de 2010. Mesa: Parties, Ideology and Elections.

² Doutora em Ciência Política pela Katholische Universität Eichstätt, Alemanha. É professora de Ciência Política da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – UFG.

³ Graduando em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). É bolsista de iniciação científica (PIBIC) do CNPq.

diferenças no que diz respeito às suas bases de sustentação eleitoral e na sua atuação, principalmente em suas identidades no espectro esquerda-direita.

Para os cargos majoritários, as coligações são muitas vezes um subproduto das alianças firmadas com vistas às eleições proporcionais. Em relação ao Poder Executivo, há a esperança de que, em caso de vitória, os partidos apoiadores sejam contemplados com cargos na administração pública. Além deste cálculo, há a expectativa de que com o apoio de alianças, os candidatos reduzem o número de adversários, com o presumido suporte de líderes e candidatos ao Legislativo dos outros partidos.

2. OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo central traçar e analisar o perfil das estratégias coligacionistas dos partidos de centro (PMDB e PSDB) nas eleições para governadores dos estados. Dentro dessa perspectiva, as análises que procuram observar as coligações eleitorais realizadas pelos partidos de centro contribuem para o debate sobre as tendências do desenvolvimento dos partidos e do sistema partidário brasileiro na nova democracia. São poucos e recentes os estudos que concentram atenção às eleições majoritárias brasileiras. Sendo o momento oportuno para avaliar o desenvolvimento e o comportamento dos partidos brasileiros de centro sob o ponto de vista de suas estratégias e resultados eleitorais. Pretende-se responder as seguintes perguntas:

- 1) Qual o perfil destas coligações?
- 2) Partidos de centro polarizam alianças com os partidos de direita ou de esquerda na nova democracia brasileira?
- 3) Qual a evolução da reação do eleitorado frente às opções ofertadas pelos partidos de centro?

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi baseada nos dados eleitorais oficiais fornecidos pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e TREs (Tribunais Regionais Eleitorais) dos estados brasileiros e ainda pelo site “Dados eleitorais no Brasil”⁴. Quanto à configuração da avaliação das estratégias eleitorais para as coligações executivas estaduais utilizadas pelo PSDB e PMDB, foram comparadas as estratégias de coligação dos diferentes estados da federação. No universo das eleições majoritárias para governador analisadas em todos os estados da federação nas seis eleições (1986-2006), houve um total de 899 candidaturas lançadas, sendo 393 (43,7%) candidaturas isoladas (sem coligação). A partir do universo total de candidaturas, analisamos um total de 268 casos, que tratam de todas as candidaturas dos partidos de centro (coligadas e isoladas) apresentadas no período observado. Os dados desagregados por partidos mostram que o PMDB apresentou 149 candidaturas enquanto o PSDB apresentou apenas 119 candidaturas ao longo dos anos analisados.

Quanto à decisão da classificação das coligações, apesar dos limites reconhecidos⁵, mantivemos a terminologia e classificação tradicionalmente utilizada pela literatura:

a) *consistente*: quando a coligação se dá apenas entre partidos situados num mesmo "campo" do espectro político, no caso deste trabalho, centro com centro C-C, ou seja, somente PSDB com PMDB - esquerda (E), centro (C) ou direita (D).

b) *semi-consistente*: quando a coligação apresentada envolve partidos de centro com partidos de esquerda ou partidos de centro com partidos de direita. Assim as possibilidades são: C-E; C-D.

c) *inconsistente*: quando a coligação envolver partidos de pólos extremos (centro com a esquerda e direita na mesma coligação). Considerado como E-C-D.

⁴ <http://jairicolau.iuperj.br>

⁵ Por exemplo, o problema do não reconhecimento do tamanho das coligações e o número de partidos de cada "campo" que estão compondo a aliança.

4. O PERFIL GERAL DAS CANDIDATURAS DO CENTRO

A análise geral do perfil de candidaturas demonstra que ambos partidos de centro, em todos os períodos eleitorais considerados, privilegiaram a estratégia de estabelecer coligações. O ano de 1986, primeiro ano de eleição para governadores com um presidente civil e regime democrático instalado, as coligações eleitorais foram liberadas após 20 anos de proibição

Cabe lembrar que as coligações oferecem possibilidades de maximizar forças eleitorais, sendo uma estratégia central em uma conjuntura de criação de novos partidos concorrendo nas eleições. Na eleição de 15 de novembro de 1986 houve uma verdadeira explosão de partidos políticos com registro aprovados pelo TSE. Concorreram à eleição nada menos que 29 partidos, havendo um acréscimo de 24 partidos políticos em relação à eleição de 1982, quando estavam na disputa apenas 5 partidos. Isto corresponde nada menos do que um aumento de 480%. Nos anos posteriores a presença de um grande número de partidos na arena política não diminuiu significativamente, permanecendo este perfil em todo o período analisado. É importante também destacar um elemento importante que diferenciou o pleito de 1986, que é a existência da regra eleitoral de apenas um turno nas eleições majoritárias.

É interessante salientar que de todas as candidaturas majoritárias apresentadas, considerando todos os partidos que estiveram presentes nas coligações (esquerda, centro e direita) em 1986, 47,73% das candidaturas lançadas foram coligadas e 52,27% das candidaturas foram isoladas. Esta foi à única eleição de todo período em que os casos de candidaturas isoladas superaram as coligadas.

O clima político extremamente favorável à legenda do PMDB (plano cruzado) praticamente fechava as chances de vitória de outro partido com candidatura isolada ou como cabeça de chapa em uma aliança. Restava então a alternativa de coligação com o partido

hegemônico possibilitando acesso à máquina estatal em um futuro governo estadual ou estabelecer uma estratégia de se diferenciar no mercado político a médio e longo prazo⁶.

Especialmente o PT e pequenos partidos⁷ motivaram-se em vários estados a lançar candidaturas isoladas. Esta constatação indica que a estratégia destas legendas era, predominantemente, apresentar-se na eleição de forma isolada para construir uma identidade e alcançar a visibilidade que uma campanha eleitoral majoritária oferece e aproveitar a oportunidade para “marcar posição”. Por sua vez, o PMDB centralizou as alianças e teve um efeito catalisador no clima da conjuntura do plano cruzado.

5. O PADRÃO DAS COLIGAÇÕES

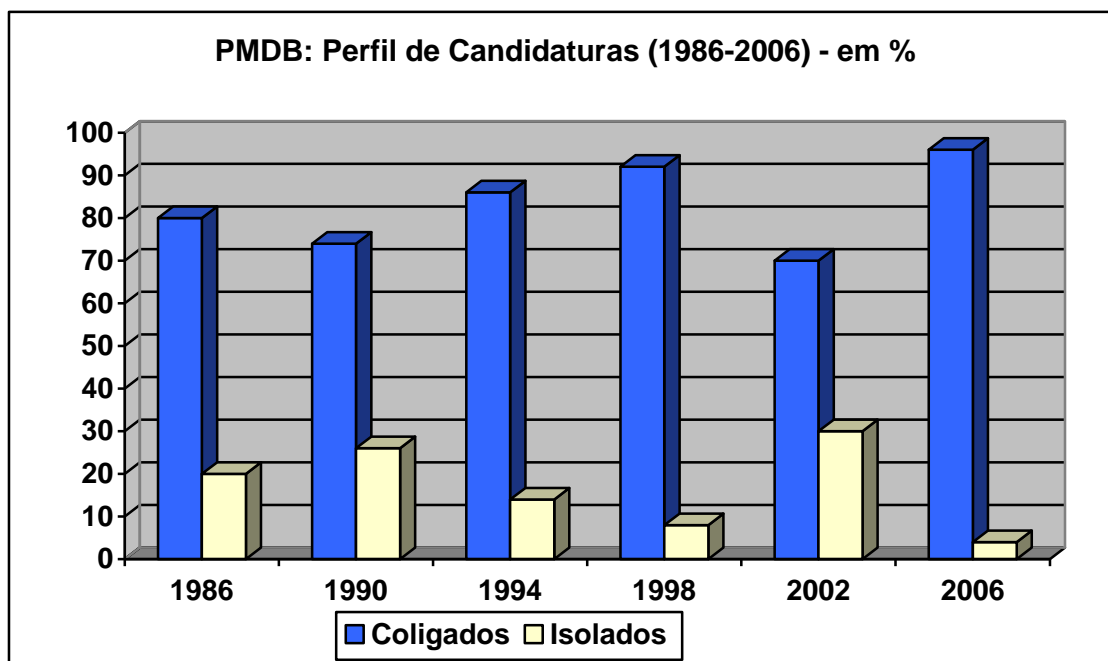
5.1. PMDB

O partido apresenta algumas especificidades pela sua posição no centro. Durante o longo tempo que ocupou o espaço de oposição ao regime militar o MDB/PMDB e exerceu um papel centralizador das forças contra o regime militar. Com a democracia e a atuação de novos partidos na arena política, a legenda teve de estabelecer novas identidades e estratégias. As coligações são um rico elemento para analisar como o partido se comportou no novo regime instalado em 1985.

Pela classificação de identidade ideológica adotada é o único partido considerado de centro até o surgimento do PSDB na disputa política. Em praticamente todo o período analisado, o partido teve um percentual insignificante de candidaturas isoladas a governador.

⁶ Em 1986, dos 23 estados, o PMDB venceu em 22. O partido perdeu somente para o PFL no estado de Sergipe.

⁷ PH, PMB, PSB, PND.



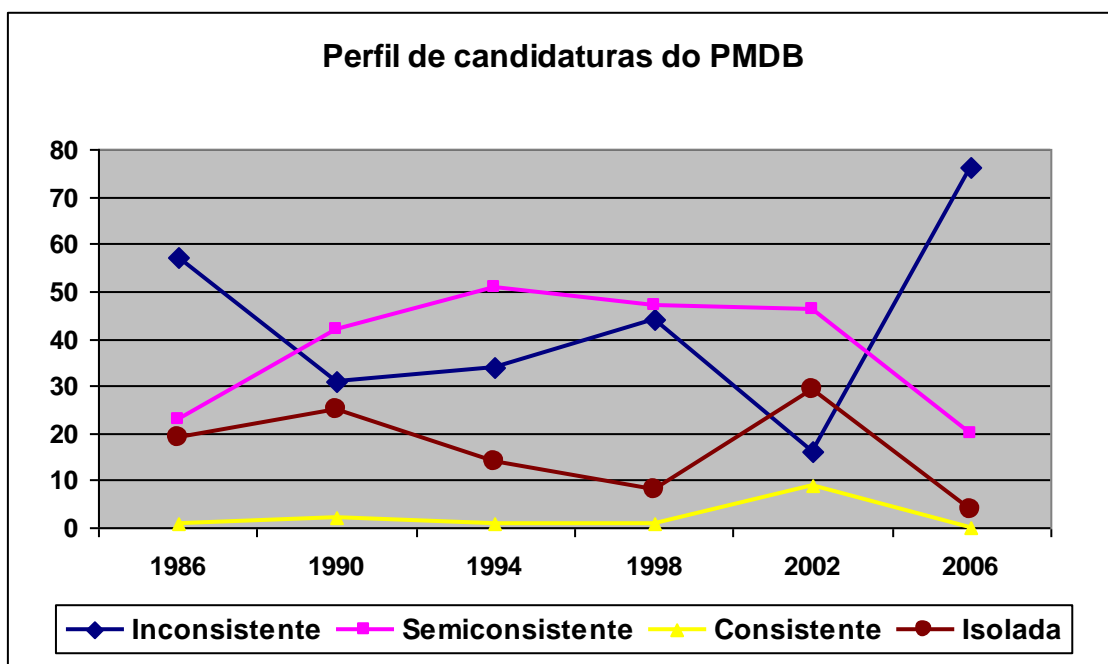
Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

Observando o perfil das coligações é preciso destacar que pelo critério classificatório, somente seria possível uma aliança consistente quando PMDB e PSDB estivessem unidos sem a presença de outros parceiros, o que obviamente restringe o leque de possibilidades de uniões consistentes.

Analisando a evolução do comportamento coligacionista do PMDB, chama a atenção que a estratégia de coligações inconsistentes é preferencial somente em duas eleições (1986 e 2006). Na eleição de 1986 o partido atraiu partidos de distintas colorações ideológicas especialmente pela conjuntura de ser identificado com o novo regime civil instalado e estar associado ao plano cruzado que catalizava os esforços de controle da inflação. Eleição bastante distinta é a de 2006, quando o partido abre seu leque de alianças da esquerda para a direita de forma muito mais expressiva nos estados. A legenda, no ano de candidatura à reeleição do presidente Lula, procurou angariar força distintas de forma a se tornar referência de construção de base de sustentação para o próximo governo.

Se considerarmos todas as associações que tiveram uma afinidade ideológica (consistentes e semiconsistentes) observamos que há uma instabilidade nos percentuais, mas

no último ano é detectada uma diferença muito expressiva (24%→41%→52%→48%→54%→19%). No entanto, na maioria das eleições observadas, houve um maior percentual de alianças que privilegiaram a identidade ideológica (especialmente as semi-consistentes) em relação às inconsistentes.

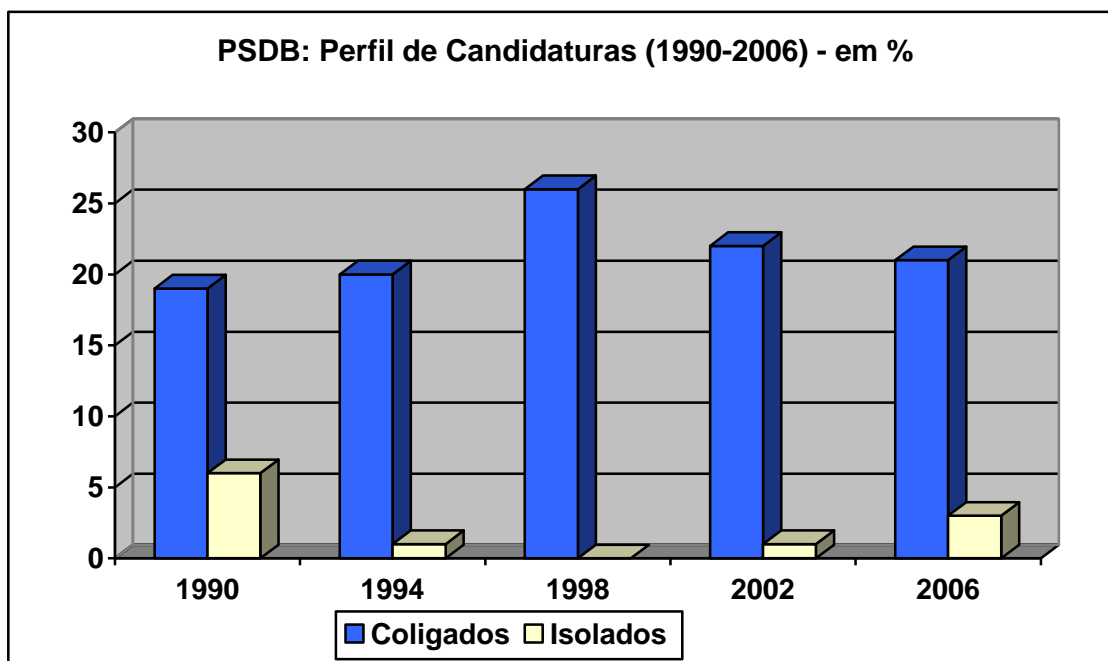


Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

5.2. PSDB

O PSDB também tem algumas especificidades pela sua posição no centro. O partido foi fundado em 1988 por parlamentares do PMDB descontentes com a posição do partido em algumas votações na constituinte, em especial o desacordo em torno da questão do sistema de governo e quanto à duração do mandato do presidente Sarney. Outro motivo para a dissociação dos descontentes seria a liderança de Orestes Quércia no Estado de São Paulo que eliminava membros do partido com pretensões governamentais.

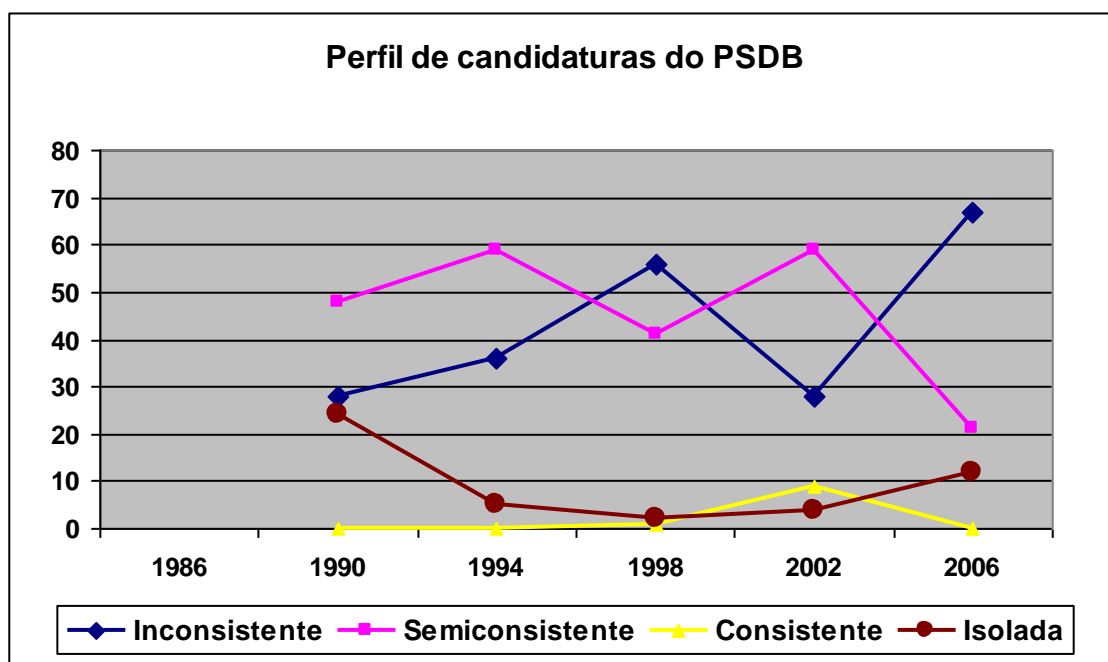
Na sua trajetória eleitoral, o PSDB entra na disputa eleitoral em 1990 dando preferência a candidaturas coligadas. Porém, este foi o pleito em que apresentou o mais alto percentual de candidaturas isoladas.



Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

Comparando o perfil das alianças da legenda, observamos que as associações semi-consistentes alcançaram o maior percentual de ofertas em 3 eleições 1990, 1994 e 2002. Nestes pleitos houve uma maior preocupação em formar nos estados alianças que não contemplassem partidos com colorações de identidade ideológica distintas. Em 1998 e 2006 este perfil não se apresenta e a legenda privilegiou estratégias de união com partidos que contemplaram diferentes colorações ideológicas.

Ao somarmos as coligações consistentes e semi-consistentes realizadas nas 5 eleições analisadas, percebe-se uma instabilidade e ocorrência de uma queda muito expressiva na última eleição (48%→57%→42%→61%→21%), um comportamento semelhante ao PMDB.



Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

6. AS PREFERÊNCIAS DOS PARCEIROS: DIREITA, ESQUERDA OU MIX?

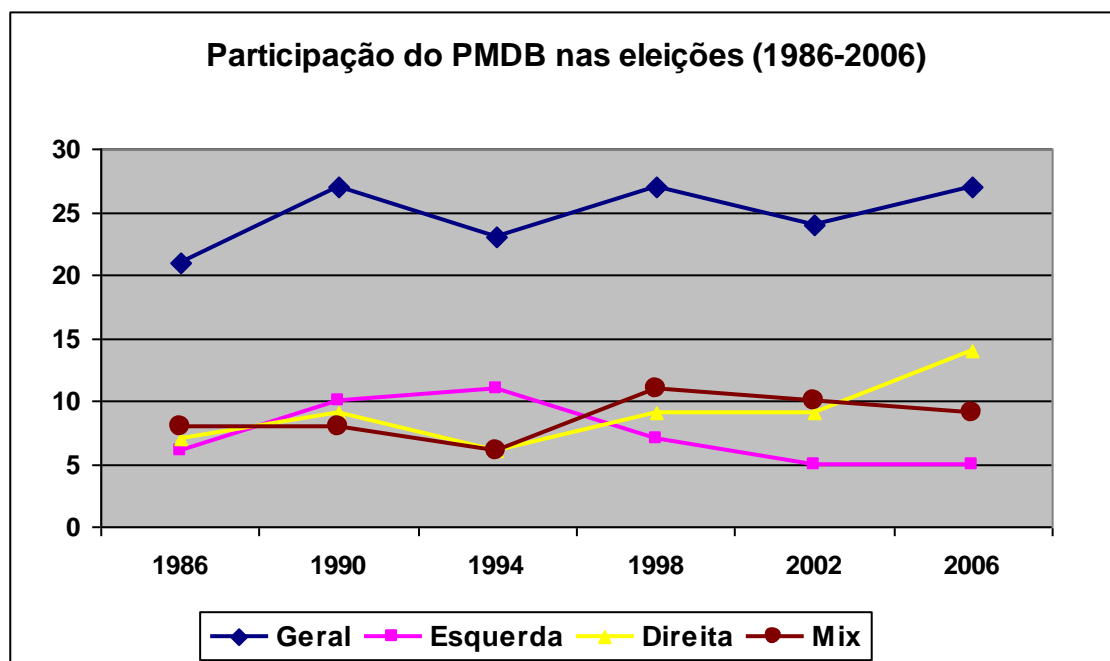
6.1. PMDB

Observando os parceiros do PMDB a primeira característica que chama a atenção é o perfil instável de parcerias. Não é possível observar uma preferência regular na dinâmica de coligações do partido. O padrão é a irregularidade, indicando que nas estratégias estabelecidas seguem uma lógica predominantemente associada à conjuntura e circunstâncias políticas.

Ou seja, não há uma estratégia de longo prazo perceptível. As alianças são estabelecidas sem uma identidade pré-estabelecida em que o partido procurasse se aproximar com partidos de um ou outro espectro ideológico.

Em três eleições (1986, 1998 e 2002) o PMDB privilegiou alianças que atraíram conjuntamente partidos de direita e esquerda. Em duas eleições (1990 e 1994) o partido se associou mais com partidos que se situavam somente no espectro da esquerda e em uma eleição (2006) predominou a união somente com partidos de direita.

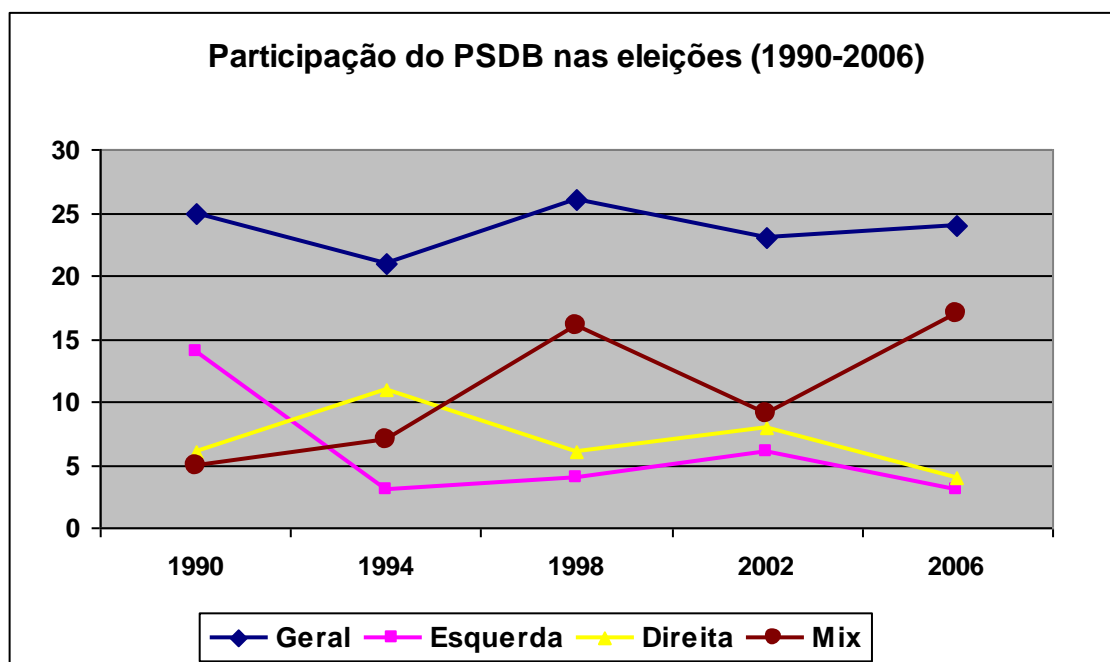
Cabe ainda considerar que as diferenças destas parcerias não são percentualmente grandes. A exceção é a última eleição, quando se sobressaem com 51,9% coligações do PMDB somente com partidos de direita.



Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

6.2. PSDB

Observando os parceiros do PSDB a primeira característica que chama a atenção é o perfil instável de parcerias, assim como o detectado no PMDB. Não é possível observar uma preferência regular na dinâmica de coligações do partido. O padrão é a irregularidade, indicando que as estratégias estabelecidas seguem uma lógica predominantemente associada à conjuntura e circunstâncias políticas.



Fonte: TSE e site “Dados Eleitorais do Brasil” (IUPERJ).

Nas cinco eleições analisadas em que o partido participou, nas três últimas privilegiou associações que não observam o espectro ideológico, havendo a predominância de coligações mix, ou seja, coligações mistas com partidos tanto da esquerda quanto da direita do espectro ideológico.

No entanto, quando o partido “debuta” em 1990 privilegiou uniões em que somente partidos de esquerda estavam na chapa, perfazendo um percentual muito significativo de 56% das suas coligações, seguido apenas com 24% associações exclusivamente com a direita.

Na eleição de 1994 o partido dá uma “guinada”, apresentando 52% de suas coligações com parceiros exclusivamente de direita, seguindo com 33% de casos mix e 14% somente com a esquerda.

7. A EFICÁCIA DAS COLIGAÇÕES: O QUE VALE A PENA?

Seguindo nossa análise, pretendemos avaliar quais são as estratégias que foram mais eficazes aos partidos de centro. Para isso, iremos utilizar um instrumento chamado “taxa de

sucesso”⁸. É necessário ressaltar que a taxa de sucesso deve ser observada com parcimônia nas conclusões quanto ao comportamento do eleitorado. Assim o que a taxa de sucesso nos permite avaliar é qual o perfil de candidatura que conseguiu chegar a bons resultados, e não os elementos que motivaram o eleitorado na decisão eleitoral. Com isso, a taxa de sucesso fornece ótimas contribuições para a análise dos efeitos das coligações sem resistência ideológica. Isso nos permite observar que, se a ideologia tem um papel marginal no momento de estabelecer as alianças, é porque este perfil é fundamental para a maximização de ganhos eleitorais em ambientes de disputas acirradas ou não traz prejuízos às legendas que estabelecem esta estratégia.

7.1. PMDB

É interessante observar que de 1986 a 2002 as coligações que incluem partidos de direita e esquerda tem apresentado um constante declínio nas suas taxas de sucesso, que se recupera em 2006, mas não supera a eficácia das outras. Isto mesmo em 1986, ano em que a legenda apresentou os maiores percentuais de ofertas de coligações inconsistentes do partido.

A taxa de sucesso das coligações mix somente é a maior de todas nas duas primeiras eleições. As três eleições seguintes foram mais produtivas ao partido com as alianças que contemplavam apenas parceiros de esquerda e na última eleição há um empate das taxas de sucesso das alianças somente com esquerda ou com a direita.

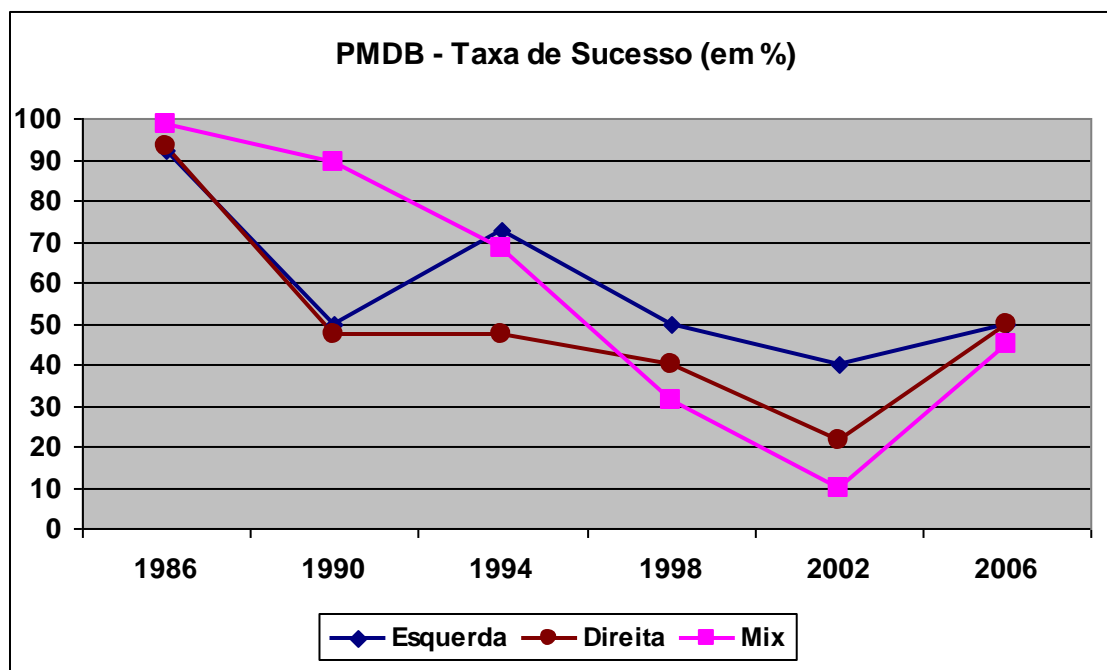
Lembrando que em 1990 e 1994 o PMDB apresentou sua maior oferta de alianças que eram exclusivamente com partidos de esquerda e em 2006 a maior oferta de casamentos que contemplam somente partidos de direita.

Os resultados indicam um paradoxo, e deixam uma pergunta. Por que o partido manteve a estratégia de apresentar ofertas significativas de alianças que misturavam partidos de esquerda com direita se elas apresentaram um declínio constante de taxas de sucesso a

⁸ Taxa de Sucesso = soma do perfil da coligação oferecida dividido pelo número de vitória eleitoral alcançada por este perfil. Exemplo: Ano X = total de candidaturas coligadas com esquerda apresentadas é 20. Vitórias alcançadas 10. A Taxa de Sucesso seria 50%.

partir de 1990? Em 2006 elas se recuperaram, mas mesmo assim não apresentaram os melhores resultados.

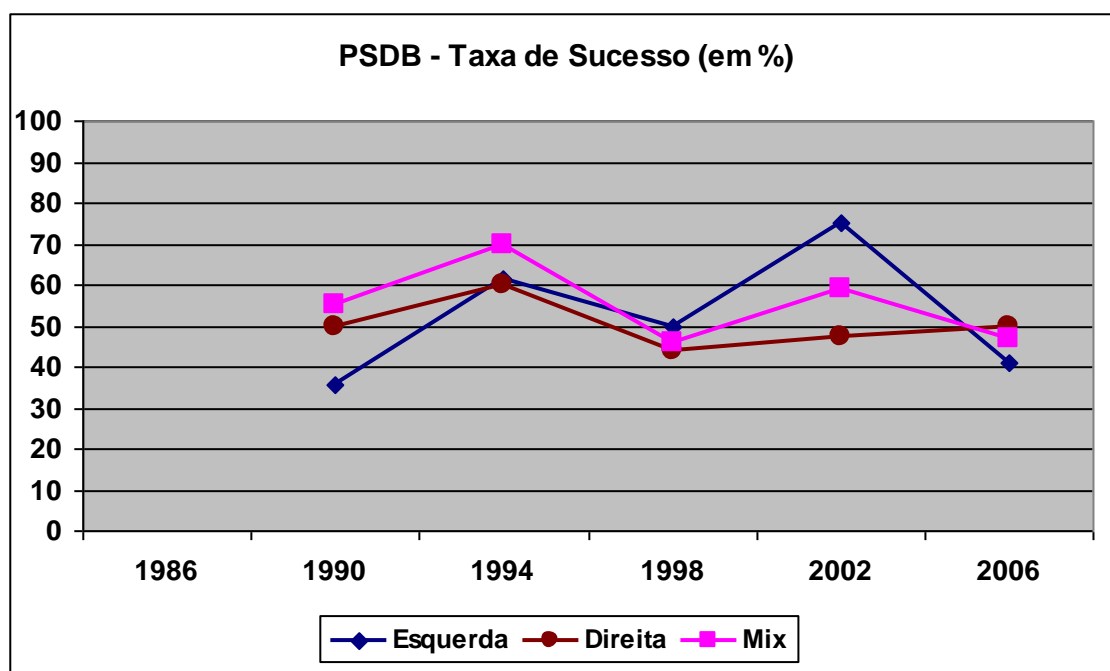
Um outro elemento a ser ressaltado é que as uniões com a esquerda apresentam as melhores taxas de sucesso em três eleições (1994, 1998 e 2002) e empatam em 2006 com a taxa de sucesso das alianças somente com a direita.



Fonte: TSE e site "Dados Eleitorais do Brasil" (IUPERJ).

7.2. PSDB

O partido entra no mercado eleitoral ofertando um número maior de coligações com legendas de esquerda, mas a produtividade delas é a mais baixa em 1990. A reação foi buscar mais alianças com direita em 1994 e posteriormente com alianças que contemplavam os dois espectros. O curioso é que em 1994 os melhores resultados ficam com as alianças mix e em 1998 e 2002 são as uniões de esquerda que alcançaram as maiores taxas de sucesso, mesmo não sendo as maiores ofertas. Em 2006, mesmo as ofertas maiores terem sido as mix, a maior taxa de sucesso ficou com as alianças feitas somente com a direita.



8. CONCLUSÕES

O ano de 1986 foi marcado pela hegemonia do PMDB nas eleições e as taxas de sucesso do partido foram muito altas em todos os perfis apresentados. Chama a atenção que nos pleitos de 1990, 1994, 1998 e 2002 a legenda optou preferencialmente por alianças com perfil de proximidade ideológica (consistente e semi consistente). Em quase todos os pleitos as taxas de sucesso mais altas foram alcançadas com associações que tinham somente legendas de esquerda (1990, 1994, 1998, 2002 e 2006). Destaca-se também que as coligações mix apresentaram um contínuo declínio nas taxas de sucesso se recuperando apenas em 2006.

Com o aumento do número de coligações realizadas pelo PSDB, e paralelamente com a redução dos casos em que o partido foi à disputa eleitoral sozinho, percebe-se que o partido tem aumentado a sua estratégia eleitoral de buscar mais aliados nas coligações a fim de ter resultados eleitorais satisfatórios. Os dados desagregados por estado descrevem um partido mais preocupado em privilegiar as oportunidades de, se possível, eleger o seu candidato ou, ao menos, de participar de um futuro governo com outros partidos do que simplesmente de demarcar determinada posição ideológica ou pragmática.

O crescimento eleitoral do partido esteve associado, entre outros fatores, à formalização de coligações com partidos de direita. A configuração das coligações do PSDB é alterada durante o tempo, com o partido aliando-se mais com partidos de espectro ideológico de direita. Isso indica uma postura diante das eleições em que, ocupar espaço e marcar posição são objetivos relevantes. Assim, os resultados sugerem a inviabilidade de uma candidatura isolada ou coligada com a esquerda numa eleição majoritária estadual, esteja o PSDB localizado no centro do espectro ideológico. O partido mostrou em 1998 que a estratégia da reeleição de Fernando Henrique Cardoso trouxe custos aos pleitos majoritários estaduais, pois o partido foi obrigado a abrir um leque com a intenção de levar menos em conta a ideologia dos seus aliados.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, H. *Coligações em eleições majoritárias municipais: a lógica do alinhamento dos partidos políticos brasileiros nas disputas de 2000 e 2004*. São Paulo, tese de doutorado apresentada ao DCP-USP, 2007.

KRAUSE, Silvana. “Uma Análise Comparativa das Estratégias Eleitorais nas Eleições Majoritárias (1994-1998-2002): Coligações Eleitorais X Nacionalização dos Partidos e do Sistema Partidário Brasileiro”, in S. Krause e R. Schmitt (orgs.), *Partidos e Coligações Eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Fundação Konrad Adenauer/ Editora da Unesp, 2005.

MACHADO, C.A.M. *Identidades diluídas: consistência partidária das coligações para prefeito no Brasil – 2000 e 2004*. Distrito Federal, dissertação de mestrado defendida na UNB, 2007.

SCHMITT, Rogério. *Estratégias de Campanha no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral em Eleições Proporcionais*. Revista Dados: Rio de Janeiro v.42 n.2 1999.

SCHMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SOUSA, Vivaldo de. *As coligações partidárias: período 1986-94 versus 1954-62*. Brasília: Plenarium, 2006.